



MERCADO DE TRABALHO

Interiorização

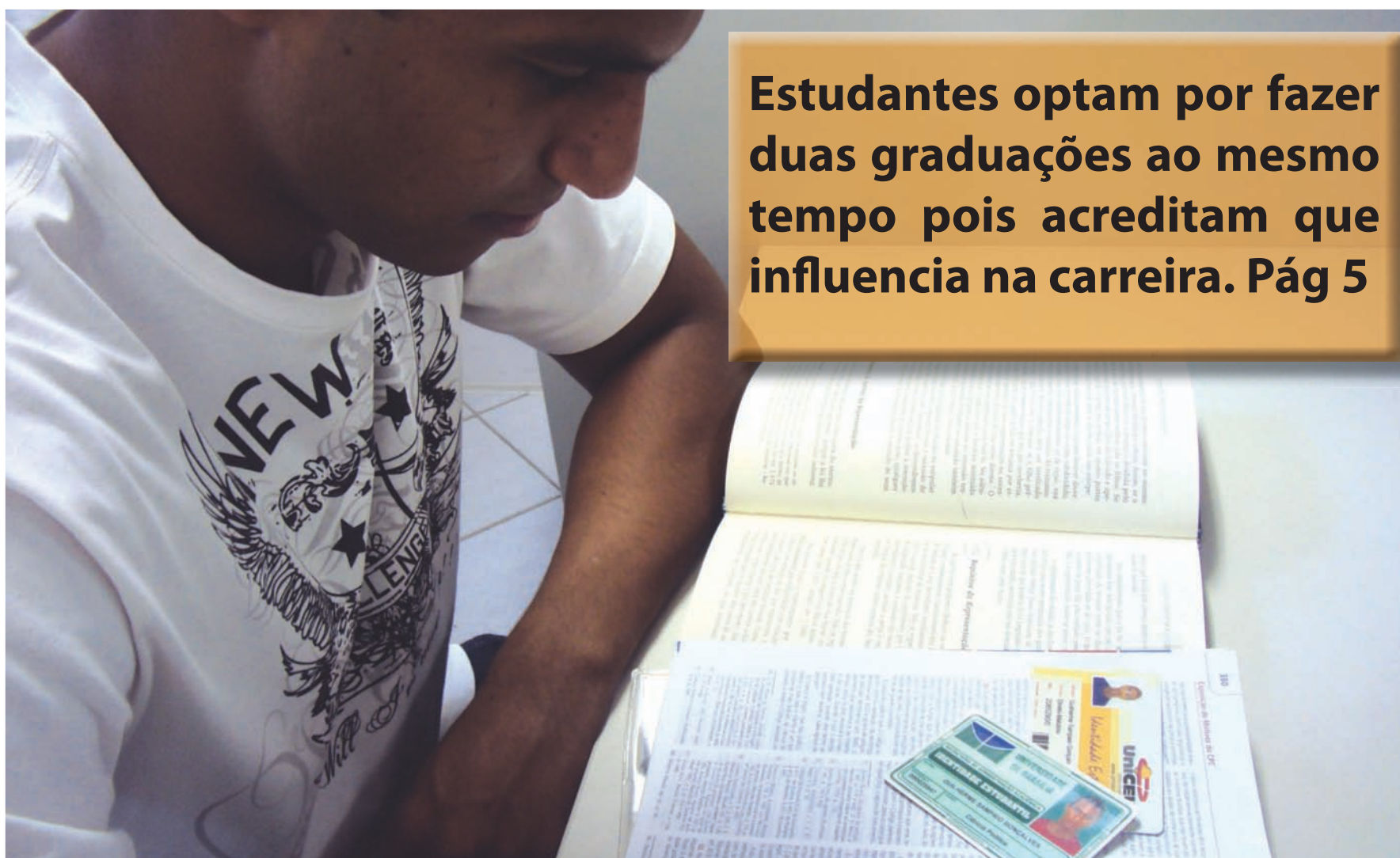
Vida mais tranquila e boas oportunidades de emprego, levam profissionais a trabalhar em cidades do interior. **Pág 6**

Estágios

Universitários tentam ter a primeira experiência profissional em estágios, mas faltam vagas. **Pág 7**

Empreendedorismo, a escolha de 21% dos jovens brasileiros

É crescente o número de empresas comandadas por pessoas entre 21 e 34 anos. A independência e a garantia do primeiro emprego ao saírem da universidade são alguns dos benefícios dessa prática. **Pág 15**



Estudantes optam por fazer duas graduações ao mesmo tempo pois acreditam que influencia na carreira. Pág 5

Estudar fora

Como se dar bem no intercâmbio e garantir que o curso no exterior seja um ponto positivo no currículo.

Pág 8



Formação

A escolha da profissão começa desde a infância. Psicólogos e especialistas orientam a melhor forma de escolher o futuro profissional.

Pág 10





Foto: Gabriella Miziara

Caros leitores,

Durante um mês, a equipe do Jornal Esquina preparou uma edição especial com matérias focadas no mercado de trabalho. Os repórteres foram às ruas para tentar responder questões e dúvidas mais frequentes sobre o assunto.

O foco era a geração Y, como é chamada a nova leva de profissionais que nasceram em uma era de grandes avanços tecnológicos, e suas novas exigências. Cursos que antes eram tidos como um diferencial nos currículos hoje se tornaram obrigação para entrar no competitivo mercado de trabalho. O curso de informática, que há poucos anos era feito apenas por uma pequena parcela da sociedade, hoje se expandiu e entrou nesse grupo de exigências. Outro que é alvo de uma escolha certa é o domínio da língua inglesa.

Aspectos como a mudança de hábitos também nasceram com essa geração. Antes, cada profissional tinha uma função na empresa. Hoje, a realidade é bem diferente: todos têm que possuir domínio básico da tarefa a ser realizada por toda a equipe. Outro ponto que mudou foi a postura desse novo empregado - que consegue realizar várias atividades ao mesmo tempo, como trabalhar, pesquisar, ouvir as notícias no rádio, falar ao telefone, conversar em um bate-papo e participar de uma reunião por vídeo conferência com outro empregado de outro estado ou de outro país.

Você poderá conferir a difícil decisão dos jovens que estão saindo do terceiro ano do ensino médio e já sofrem a pressão psicológica da escolha da carreira a ser seguida. Afinal, é nessa etapa que os estudantes não podem mais culpar os pais pelas escolhas e são destinados a fazer as suas próprias - e aí, sofrerão influência por toda a vida.

A mudança de curso por estudantes universitários também virou objeto de reportagem pela frequência que tem ocorrido nas universidades brasileiras. Como também casos de formandos que não se encontraram no campo profissional cursado e seguiram outras oportunidades.

A nova lei nº 12.089/2009, que proíbe que uma mesma pessoa possa cursar dois cursos simultaneamente em instituições públicas de ensino superior, também foi motivo de análise. A reportagem mostra seu lado elitista, pois agora só quem pode cursar duas graduações ao mesmo tempo é quem tem capital para pagar uma mensalidade em faculdade particular.

A edição também mostrará uma pesquisa realizada pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM) que mede o empreendedorismo no mundo, detectan-



do o crescimento de jovens empreendedores no Brasil. Em poucos menos de oito anos, a porcentagem dobrou. Hoje, o Brasil possui cerca de 14,6 milhões de pessoas que focam em atividades empreendedoras onde 56% têm 18 e 34 anos.

Por último, mas não menos importante, o motivo pelo qual o número de brasileiros intercambistas dobrou do ano de 2006 até 2010. Tanto em curso de idiomas, onde o estudante vai para agregar uma flu-

ência maior na língua escolhida, quanto nos de graduação, em que os estudantes brasileiros entram em universidades estrangeiras por um determinado período de tempo ou até o curso inteiro. Outro fator ressaltado é que a experiência traz uma forte bagagem cultural. Segundo a Associação Brasileira de Viagens Educacionais e Línguas (Belta), o número de adeptos passou para um total de 160 mil pessoas.

Por Marina Macêdo



Expediente



Reitor: Getúlio Américo Moreira Lopes

Pró-reitora Acadêmica: Elizabeth Manzur

Pró-reitor administrativo e financeiro: Edson Alves da Silva

Secretário geral: Maurício de Souza Neves

Diretor da Fatecs: José Pereira da Luz Filho



Jornal Laboratório do UniCEUB

Coordenador de Comunicação Social: Henrique Moreira

Professor responsável: Renato Ferraz

Supervisor técnico: André Ramos

Monitor: Gisele de Albuquerque Gomes

Editora chefe: Sylvia Dimittria

Editora de fotografia: Marina Macêdo

Editora de Arte: Marina Brunale

Editor de texto: Lucas Cajueiro

Ilustrações: Marina Brunale



A difícil tarefa de mudar

Estudantes universitários convivem com a decisão de trocar de curso

Foto: Rafael Quinan



Raquel Castelo: “Hoje, tenho certeza de que me encontrei”

Quando terminou o ensino médio, em 2002, a paraense Manoela Neves se deparou com a importante decisão: escolher o curso universitário. Interessada em vários assuntos, resolveu prestar vestibular para diferentes graduações: letras (inglês), engenharia da computação e administração. Passou em todos os três, porém se matriculou apenas no último. No entanto, quatro anos depois, abandonou o curso. “Conforme me aprofundava e conhecia mais a realidade, vi que não era o que queria, não me identificava com o perfil da profissão”. Meses depois, optou por outro curso: publicidade. Após três semestres, novamente, desistiu. Ainda não era o que queria. Atualmente, Manoela, que gosta de arte, fotografia e música, ainda pensa em se graduar. Tem dúvidas entre história da arte, história da música ou história.

Segundo o Censo Nacional do Ensino Superior de 2008, 42% dos estudantes universitários que iniciam um curso não se formam nele. O principal motivo apontados pelo estudo para a evasão é a mudança de curso. Para a mestre em psicologia pela UnB Ana Cristina Destord, a indecisão dos estudantes quanto à escolha da carreira a seguir é comum. Segundo ela, a quantidade de profissões e oportunidades de negócios é cada vez maior. Nesse caso, a mudança de curso deve ser avaliada como um momento a ser superado e encarado como uma atitude de coragem e determinação. Contudo, Ana Cristina faz uma ressalva: “Se o estudante muda muitas vezes, sem êxito, e se isso o incomoda, ele deve procurar ajuda”.

Foi o que fez a estudante goiana de jornalismo Raquel Castelo. Ela, que já pensou em cursar

medicina, farmácia, matemática, psicologia, engenharia civil, engenharia elétrica e biologia, largou o curso de biomedicina após três semanas de frequência. “Me vi muito perdida. Parecia um tormento ter tanta facilidade, tanta gente apostando no meu sucesso, mas não ter nem noção de como seria minha vida. Foi frustrante”, afirma. Nessa época, Raquel teve o apoio da família, do diretor da escola em que estudou no ensino médio, além do suporte de um orientador vocacional. Cheia de dúvidas, optou pelo vestibular de comunicação. Passou. Dentro da área, queria publicidade, mas escolheu audiovisual. Depois, mudou para jornalismo. Quase desistiu dois semestres depois, mas agora se diz feliz. “Apesar de toda a confusão, todo caminho tortuoso e todo sofrimento, hoje tenho certeza de que me encontrei”.

De acordo com o estudo sobre evasão universitária, realizado pela doutora em psicologia da Universidade de São Paulo (USP) Yvette Piha Lehman, várias são as circunstâncias para a mudança de curso. Quando a mudança ocorre no início do curso, ela está relacionada à escolha. Já quando ela ocorre no meio da graduação, envolve fatores ligados ao sentido profissional da carreira. No fim do curso, questões objetivas, como mercado de trabalho e emprego, são as que mais pesam.

Para se evitar uma escolha equivocada, psicólogos sugerem que o estudante deve se informar sobre todos os aspectos da profissão de interesse. Para a psicóloga Vania Montenegro Marques, a palavra-chave é: conhecimento. Ela sugere a busca pelo conhecimento pessoal (gostos, interesses, potencialidades) e pelo conhecimento profissional

(mercado de trabalho, cursos, faculdades). “É importante não ficar esperando a tal ‘vocação’ cair do céu”, diz. Já Ana Cristina acredita que “entrevistar pessoas formadas, que trabalham na área escolhida, além de se informar sobre a atuação profissional posterior e fazer estágios na área” ajudam bastante. Para ela, o jovem deve refletir muito, pois questões emocionais entram em jogo nesse processo.

A indecisão da carreira a cursar se manifesta de diferentes formas. Existem também os estudantes que começam um curso, abandonam e, depois, voltam. É o caso de Fernanda Madeira. Cansada do ritmo acelerado e sem rotina do curso de jornalismo, Fernanda resolveu mudar para psicologia. Porém, dois anos depois, optou por voltar e arriscar no curso anterior, embora ela ainda não esteja tão certa da escolha. “Olha, certa, certa, não. Eu gosto de música. Mas, nesse momento, não seria o melhor pra mim. Eu gosto de jornalismo e posso estar contato com a música através dele”, afirma.

O importante é saber que uma escolha errada não significa o fim do mundo. “Escolher é difícil e implica risco”, afirma a psicóloga Vania. Dessa forma, a frustração, a baixa auto-estima e o sentimento de desperdício de tempo, dinheiro e afeto de quem largou um curso, devem ser vencidos. Segundo ela, os estudantes “sofrem com a impressão que causam na família e nos amigos”. Isso deve ser combatido com muita reflexão e, às vezes, ajuda. Não é motivo de vergonha. A escolha certa muitas vezes vem após muitos erros.

Por Lucas Cajueiro



Desafios da educação a distância

Atraídos pela flexibilidade de horários, estudantes optam por cursos online. Pesquisadores ressaltam os benefícios e responsabilidades dos alunos que cursam esta modalidade de ensino

Ilustração: Marina Brunale

A correria do dia a dia fez com que o servidor público Ricardo Gomes, de 22 anos, decidisse cursar uma faculdade a distância. A flexibilidade de horários teve grande peso na escolha para ele, que, além de trabalhar como agente penitenciário, é praticante de jiu-jitsu. "Conseguo conciliar outras atividades ao meu estudo. Se estivesse tendo aulas presenciais, perderia muito tempo no deslocamento da minha residência para a faculdade", afirma Ricardo, que cursa o 3º semestre em Tecnologia em Gestão da Segurança Pública, da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul).

De acordo com dados Censo da Educação Superior de 2008, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 115 instituições no Brasil oferecem cursos de graduação a distância. O número de vagas oferecidas em 2008 registrou um aumento de 10,3%, em relação à última pesquisa, o que representa oferta de 158.419 vagas a mais.

"A proposta do ensino a distância está inserida no mundo moderno, pois democratiza o acesso à informação e a busca por novas formas de conhecimento"

Rita Maria Tarcia, pesquisadora em EaD

Assim como Ricardo, muitas pessoas optam por este sistema de ensino por conta da disponibilidade de fazer os próprios horários. Cada aluno cria seu próprio plano de estudos, de acordo com a disponibilidade de tempo. Em contrapartida, é preciso cumprir pontualmente o prazo para entregar trabalhos e tarefas. A pedagoga, pesquisadora em educação a distância da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e conselheira fiscal da Associação Brasileira de Educação à Distância (Abed), Rita Maria alerta que a falta de tempo não deve ser o motivo principal na hora de começar uma faculdade a distância "o aluno cria seu próprio horário, mas terá que ter tempo para realizar suas atividades de leitura, fazer trabalhos, se dedicar ao curso", afirma.

O estudante de pedagogia da Universidade de Brasília (UnB) Lahiri Abdalla, 20 anos, já iniciou dois cursos em EaD, mas trancou ambos. "Foi um impulso típico da juventude", comenta. Ele sentiu necessidade de estar em um ambiente novo e de interagir mais com as pessoas. Além disso, percebeu que não tinha características importantes para cursar uma faculdade a distância "Um dos motivos que me fez desistir foi a falta de organização típica da adolescência. Eu tinha consciência de que não iria conseguir me disciplinar para manter meus estudos", afirma.

Os cursos de educação a distância difundem o conhecimento por meio de tecnologias como internet, rádio e televisão. Na internet, as ferramentas mais utilizadas para ministrar as aulas são chats, videoconferências, fóruns, e-mail e redes sociais. Tal mobilidade contribui para a disseminação do conhecimento, tornando-o mais acessível à áreas isoladas do país. "A proposta do ensino a distância está inserida no mundo moderno, pois democratiza o acesso à informação e a busca por novas formas de conhecimento", diz Rita.

A modalidade beneficia pessoas que não dispõem de horários fixos para estudar. É o caso de Raquel Elena dos Santos, 34 anos, que já fez oito cursos a distância. "Para mim, a principal vantagem dos cursos a distância é poder fazer meu tempo de estudo e poder estudar onde quiser", afirma.

Estudo realizado em 2006 pelo Inep, dirigido pelo então diretor do Departamento de Estatísticas e Avaliação da Educação Superior, Dilvo Ristof, comparou o desempenho dos alunos de EaD e presencial no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade). O resultado mostrou que os estudantes do sistema a distância tiveram melhor nota em sete das 13 áreas de conhecimento avaliadas.

Apesar das instituições de EaD serem fiscalizadas pelo Ministério da Educação (MEC), o fato de ser uma modalidade nova de ensino, em comparação à educação presencial, contribui para que haja



preconceitos contra as instituições e os recém formados. "Para a legislação, não há diferenças entre um profissional formado em curso à distância e outro formado no sistema presencial. Ambos têm os mesmos direitos", conta Rita. A pedagoga afirma também que "as pessoas têm preconceitos porque acham que os cursos são simples, que os alunos não têm comprometimento e que não há qualificação", diz.

No entanto, o perfil dos alunos que cursam faculdades a distância faz com que estes profissionais se destaquem dentro das empresas. A necessidade de disciplina para estudar sozinho e entregar tarefas em dia faz com que os estudantes sejam mais comprometidos, motivados, responsáveis, organizados e autônomos. "Este perfil mais pró-ativo interessa às empresas", afirma Rita. A professora e tutora de EaD Sonya Barbosa acredita que nem as faculdades presenciais, nem as faculdades a distância, preparam totalmente os alunos para o mercado de trabalho, pois "o aprendizado prático se dará a partir do exercício diário da profissão". Porém, por conta do ritmo de estudo, os estudantes que cursam EaD possuem vantagem sobre os dos cursos presenciais, pois "eles estão acostumados a buscar a informação, a pesquisar em diversos meios, e isto é positivo", afirma.

Por Claudia Carpo





Realidade para poucos

Lei limita a entrada de estudantes em mais de um curso em universidades federais

É comum aos jovens ter várias opções e muitas dúvidas na hora de escolher uma profissão. A inquietação faz parte do processo de amadurecimento e está presente em diversos momentos durante a escolha de uma faculdade até a entrada no mercado de trabalho. Para o psicólogo Kléber Carlos da Silva, especialista em psicologia do trabalho, a escolha da carreira é tomada muito cedo. “O adolescente com dezessete anos precisa tomar uma decisão que irá refletir no futuro e, por isso, a indecisão e vontade de fazer várias graduações são comuns”, explica Kléber.

A lei 12.089/09 limita a uma vaga em universidade pública por aluno em cursos de graduação. O objetivo é fazer com que mais alunos possam cursar uma universidade pública. O deputado federal Maurício Rands (PT-PE) autor do projeto diz que a lei pretende diminuir o número de vagas ociosas e aumentar o acesso ao ensino público. “A intenção é promover uma maior inclusão social. O recurso é público, todos pagam impostos e, por isso, não se pode permitir um aluno ocupando várias vagas”, justifica o deputado.

“Não adianta fazer várias faculdades sem qualidade. É melhor para o aluno concluir um curso bem feito do que começar muitos e ser um aluno mediano”

Maurício Rands, deputado federal

Para o deputado, um aluno que não tenha condição financeira de cursar simultaneamente em universidade federal e particular não será prejudicado no processo de entrada do mercado de trabalho. “Não adianta fazer várias faculdades sem qualidade. É melhor para o aluno concluir um curso bem feito do que começar muitos e ser um aluno mediano”, analisa o parlamentar.

Mesmo assim, Guilherme Sampaio optou por fazer o curso de direito em uma universidade particular e ciência política na pública. Para ele, o maior desafio é conciliar estudo, trabalho e a grade horária de ambos os cursos. “Meus pais podem me ajudar com os custos da graduação e estou investindo na carreira acadêmica, mas me preocupo em como conciliar as aulas com futuros estágios”, explica Guilherme.

De acordo com a consultora de recursos humanos da empresa Partner Marcela Amaral, alunos que optam por fazer duas faculdades simultaneamente podem ter um diferencial na hora da contratação. Porém, não devem deixar de lado cursos de especialização, mestrado e uma boa apresentação na hora entrevista. “Uma pessoa com dois cursos mostra para o empregador eficiência em realizar várias tarefas além de conhecimento em várias áreas. Mesmo assim não se pode deixar de lado estágios e projetos. É importante que a teoria esteja aliada com a prática”, analisa Marcela.

Para diminuir as chances de erro e ainda fazer duas faculdades que gosta, a estudante Lígia Teixeira optou por fazer dois cursos: psicologia e pedagogia. “Sempre quis ser psicopedagoga, então faço os dois para que se complementem e para aumentar as

minhas chances na hora que me formar”, afirma a aluna.

Segundo a professora de administração da UnB Débora Barem, uma empresa hoje procura um profissional com vontade de crescer profissionalmente. “Cursos extras e faculdade são importantes, mas na hora de decidir quem vai ser contratado o que mostra mais iniciativa em aprender e veste a camisa da empresa entra”, explica a professora.

Por Mariana Menezes

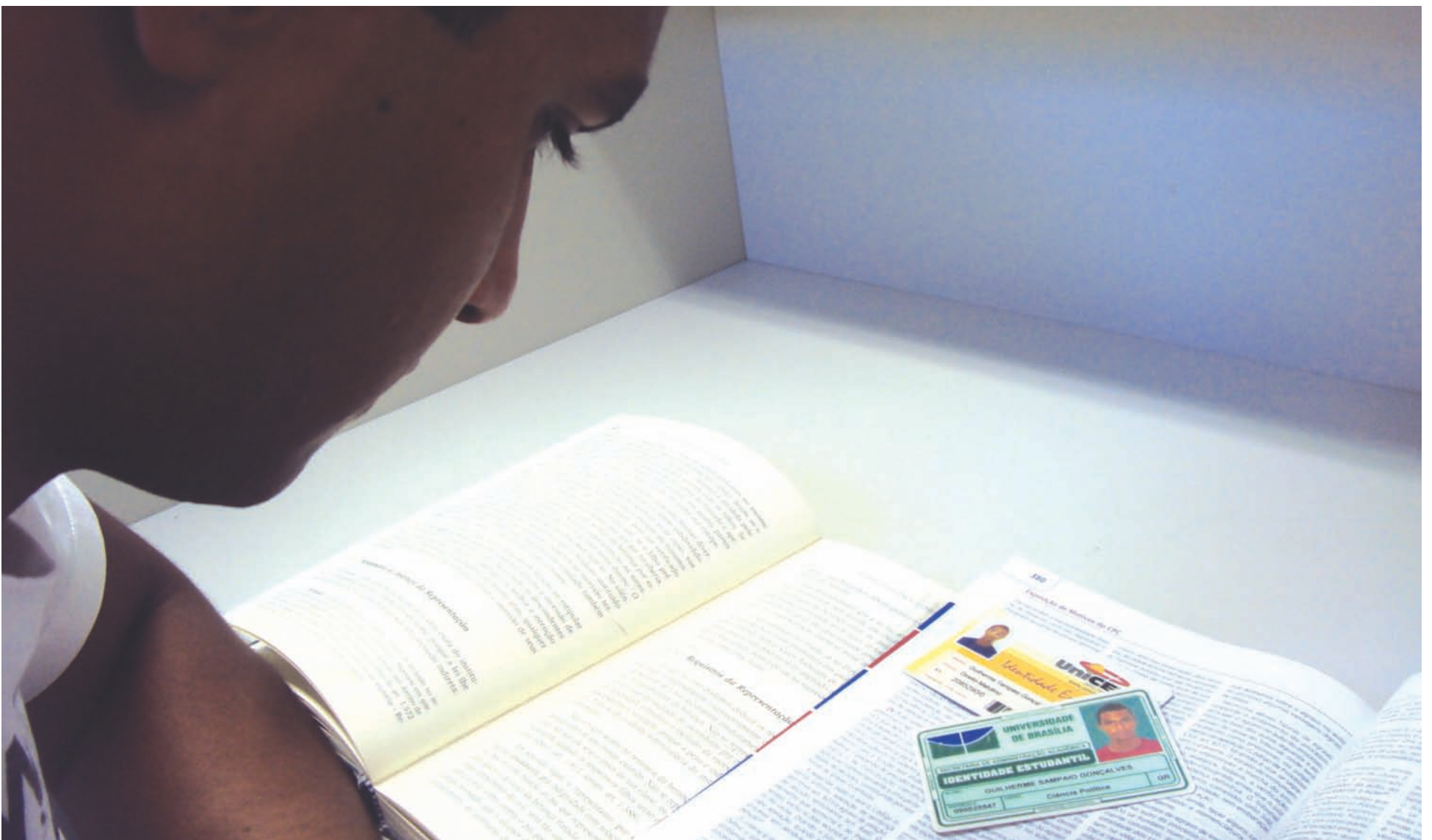


Saiba Mais

Na Universidade do Pampa (Unipampa), uma instrução normativa de 2009 proíbe a matrícula simultânea

Em São Paulo, a USP, Unesp e Unicamp compartilham listas de aprovados e proíbem que o aluno frequente mais de uma instituição antes da lei entrar em vigor

Foto: Mariana Menezes



Guilherme Sampaio, estudante de direito e ciências políticas: “estou preocupado em como conciliar as aulas com futuros estágios”



Em busca da tranquilidade

A fase da vida em que um maior número de pessoas busca sucesso profissional em cidades de interior

Ilustração: Marina Brunale

O sucesso profissional é o desejo que todo recém formado procura. Para consegui-lo, as pessoas investem em estudos, cursos técnicos e, muitas vezes, mudam de cidade em busca de uma vida melhor. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos últimos dez anos, tem crescido cada vez mais o número de pessoas que migram para outras cidades. Em 2001, cerca de 69 mil pessoas moravam em municípios que não eram de sua naturalidade. Em 2009, esse número aumentou para cerca 75 mil.

Em vários casos, as pessoas mudam para as grandes capitais do país à procura de maiores oportunidades de emprego. Mas e quando ocorre justamente o contrário, e a pessoa sai das grandes capitais para morar em cidade de interior? Embora não seja visto como crescimento profissional por boa parte da população, o número de habitantes que optam por tal opção cresceu, e são vários os motivos que justificam a escolha.

O engenheiro Tiago Dimas morou em Brasília durante oito anos. Após se formar no UniCEUB, voltou à cidade natal, Araguaína, no Tocantins. Embora possa não ser considerada interior, pois possui cerca de 150 mil habitantes, sair de Brasília para morar em Tocantins pode ser visto como uma má escolha em questão de oportunidades, mas Tiago não se arrepende nem um pouco da mudança.

“Mudei de Brasília, pois a empresa do meu pai, que é uma construtora, tem sede aqui em Araguaína, e nossa base de negócios está toda aqui. Vim com a missão de administrar a empresa, já que o tempo do meu pai está curto e administrá-la exige bastante dedicação”, justifica o engenheiro. No caso de Tiago, a mudança era questão de tempo, pois, quando havia mudado para Brasília, veio apenas para estudos.

E sentiu a diferença compensar. “Financeiramente, foi uma excelente escolha. Vim trabalhar em uma empresa já consolidada no mercado, e isso em Brasília levaria um longo tempo para acontecer”, explica o engenheiro.

Quem mora em Brasília sabe que um dos maiores empecilhos para conseguir se adaptar na cidade é o alto custo de vida. O servidor público Luiz Eduardo Braga nasceu em Chapadinha, no interior de Maranhão, e mudou-se para Brasília em janeiro de 2000. Ficou dez anos e meio na capital, até que decidiu retornar à cidade natal.

Embora as razões da mudança tenham sido pessoais, uma delas, que justifica sua escolha, foi financeira. “O custo de vida em Brasília é irreal. Brasília é uma cidade que está cada vez mais inchada, reflexo de uma política de ocupação de solo irresponsável que durou toda a última década. Vir para uma cidade de médio porte, do interior, melhorou minha vida”, exalta o servidor público.

Além da melhora em qualidade de vida,

existem outros fatores de vantagens no interior. A falta de engarrafamento no trânsito talvez seja uma das mais desejadas pelas pessoas. O juiz Emerson Cajango mora em Mirassol d’Oeste, no interior de Mato Grosso. Saiu da capital, Cuiabá, há seis anos e diz que uma das melhores diferenças que sentiu na mudança foi justamente a falta de engarrafamento. “Imagine percorrer toda a cidade de uma ponta a outra em menos de cinco minutos. Em Cuiabá, é o que se gasta por semáforos em horário de pico.”, lembra o juiz.

Mas, apesar de todas as vantagens, deve-se ressaltar algumas carências em cidades de interior. A falta de um hospital de qualidade, supermercados, escolas, além de opções de lazer, como shoppings, restaurantes e grandes lojas. Para tomar a decisão dessa mudança, a pessoa deve estar ciente que a paz e tranquilidade têm seu preço.

Mas para quem pensa que sucesso profissional só é possível em grandes capitais, Luiz Eduardo Braga esclarece: “Cada cabeça é um mundo. Numa cidade como Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, os serviços são melhores e mais diversos, mas há insegurança e caos urbano. Profissionalmente, se você for bom no que faz, terá espaço em qualquer cidade, grande ou pequena”.

Por Marcela Seabra





Faltam vagas de estágio no Brasil

Número de vagas não chega a 15% do total de alunos matriculados em instituições de ensino superior no Brasil

Não é fácil conseguir um estágio no Brasil. Muito menos se for o primeiro. Apesar de milhares de vagas estarem disponíveis hoje no país, não existe um censo sobre o número total delas.

Para trabalhar, os estudantes precisam ter um intermediador entre eles, a empresa contratante e a faculdade. Por isso, os estagiários precisam cadastrar currículos em várias empresas, para serem indicados às vagas.

Na hora da contratação, a empresa faz o pedido de um perfil procurado às firmas que possuem banco de dados de currículos, como o CIEE e o IEL. Estas indicam os estudantes que possuem as características pedidas pelas empresas. No caso do primeiro estágio, o problema aumenta. Os alunos que acabaram de entrar na faculdade, às vezes, não possuem muitos cursos e nem experiência. Logo, ficam excluídos das peneiras automáticas realizadas pelos bancos de currículos.

Existem duas formas de contratação para um estágio. O obrigatório e o opcional. O primeiro é um pré-requisito de alguns cursos para que o aluno possa se formar, ficando a critério do contratante a concessão de bolsa-auxílio ou outra forma de remuneração e auxílio-transporte. No caso do estágio não obrigatório o aluno opta pelo trabalho, somando

as horas à sua carga horária regular obrigatória, devendo ser, necessariamente, remunerado pela empresa contratante. Uma boa notícia para os estagiários é que, em média, cerca de 50% deles conseguem a efetivação após se formarem, segundo a Associação Brasileira de estágio (Abres).

“Fiquei os primeiros dois anos da faculdade procurando um estágio. Como não conseguia, comecei a fazer cursos. No final das contas, meu primeiro trabalho foi na empresa de uma amiga da minha mãe, já no 6º semestre”, disse Pedro Siqueira, estudante de direito.

Existem pelo menos seis empresas, no DF, que fazem o intermédio entre estagiário e a contratante. “Já cheguei a me cadastrar em cinco empresas para buscar estágio. Depois tinha que me lembrar de atualizar meus dados como, por exemplo, o semestre e endereço”, criticou Aline Neves, estudante de moda.

O estágio, além de servir como um aprendizado do trabalho prático de um profissional, também ajuda a complementar a renda dos estudantes. Essa convivência com o mercado de trabalho desde cedo ajuda o estudante a sair da teoria para entrar na prática. “O estágio é fundamental para que um aluno aprenda como o trabalho é feito realmente. De

nada adianta uma grande bagagem acadêmica sem a bagagem prática, que complementa o aprendizado”, disse Fernando Teixeira, gerente de RH. A boa notícia para os estudantes é que cerca de 50% dos estagiários conseguem ser efetivados após se formarem.

E em 2009, segundo o Ministério de Educação (MEC), o Brasil possuía 2.314 Instituições de ensino superior contra 1.100 em 2000. Do total, 2.069 são privadas e 245 públicas. Se formaram 826 mil pessoas no país em 2009, sendo 22 mil no DF. O número de matrículas chegou a 150 mil no DF.

A nova lei do estágio, que entrou em vigor em outubro de 2008, deu mais direitos aos estagiários, definindo 30 dias de recesso a cada 12 meses trabalhados, obrigação da empresa a pagar o auxílio-transporte e bolsa-auxílio e a redução de 50% jornada de trabalho no período de provas. Outros pontos que não foram bem vistos pelos alunos foram o limite de 30 horas semanais e a limitação de dois anos de trabalho em casa empresa. Uma mudança que ficou faltando, de acordo com alunos, foi a definição de um piso para a bolsa e o abono de dias de trabalho, direito garantido a trabalhadores do regime de CLT.

Por Tarso Veloso



O início é agora

Após se formarem, jovens começam a busca pelo tão sonhado primeiro emprego

Chega o final do curso. Para os universitários, comecem a surgir questionamentos sobre o futuro, sobre o mercado de trabalho, sobre o que fazer depois de se formar. Uma mistura de felicidade e alívio por estar concluindo uma etapa e com preocupação e desespero em busca de emprego, toma conta dos jovens. Para a farmacêutica Larissa Tonini, formada em dezembro do ano passado, o sentimento que define sair da faculdade e enfrentar o mercado de trabalho é o pânico. “Você se sente orgulhosa de ter cumprido sua meta, de ser profissional. Mas agora vem a pressão de arrumar emprego logo. Tenho tentado manter o controle e não desistir”. A jovem farmacêutica diz que deseja fazer cursos para aumentar as chances de conseguir um emprego. “Pretendo investir em especializações na minha área.” E reclama da falta de oportunidade por não ter experiência: “Já fiz entrevistas de emprego, mas sempre me cortam pela falta de experiência. Estagiei em apenas uma área da farmácia, que eu não gostei muito, então, para as demais áreas, não conta como experiência.”

Mas essa angústia não atinge somente a alguns, mas a muitos, pois no Brasil hoje tem 5,9 milhões de universitários e quase um milhão se formam a cada

ano, segundo informa o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e, por isso, não é fácil conseguir o tão esperado primeiro emprego, após se formar.

Uma forma de se inserir no mercado de trabalho é por intermédio de estágio, momento em que se coloca a teoria em prática. A Associação Brasileira de estágio (Abres) informa que 50% dos estagiários conseguem ser efetivados após se formarem. Ainda segundo a Abres, há 715 mil vagas de estágio no Brasil, estágio no Brasil, número baixo, considerando a quantidade de estudantes de ensino superior.

Raquel Cristina é formada em duas faculdades: Publicidade e Produção Editorial. Nesta última, estagiou por um ano e meio e não foi efetivada. Ela conta que, desde que se formou, enfrenta dificuldades para conseguir um emprego na sua área de formação. E diz que a opção que muitos escolhem assim que se formam é o concurso público: “É, apesar de uma saída frustrante, não acredito que a maioria que faz uma faculdade tem como sonho de carreira um cargo público e burocrático. O mercado está saturado, além de fazer muitas exigências que a maioria dos jovens não possui”.

O recém formado em Engenharia Mecânica

José Wilk Pessoa, atualmente trabalha como corretor e diz: “Deveria haver mais incentivos por parte das grandes empresas, principalmente”. E ainda fala sobre a possibilidade de mudar de cidade para conseguir um emprego, “Caso não consiga, buscarei opções em outra cidade ou, até mesmo, outro estado”.

Muitas empresas analisam não só se a pessoa é formada, mas também em qual instituição de ensino superior é formada. Cursos como o de línguas, não só o inglês, mas também o espanhol. Tudo isso se torna um diferencial na hora de disputar uma vaga de emprego. Sempre se atualizar na área que você se formou, fazendo cursos, participando de palestras, também faz a diferença. Aprender o que o mercado de trabalho necessita faz com que as chances de sucesso na busca pelo primeiro emprego tenham mais chances de vitória.

Uma forma de ficar em evidência para o mercado é o trabalho voluntário. Muitos escolhem ajudar uma empresa e assim ficar em evidência e em contato com os contratos, mostrando disponibilidade e boa vontade.

Por Alisson Azevedo



Estudar fora: eis a questão

Fazer carreira acadêmica ou mesmo curso temporário no exterior é o sonho de muitos. Mas até onde um diploma internacional garante benefícios?

Há lugares no mundo que são referências em diversas áreas de formação. Na Europa, estão as melhores escolas de moda e design. Cuba é referência em medicina. Já no Japão, as áreas de ciência e tecnologia, nas quais são diplomados em média 240 mil estudantes por ano, estão na frente, segundo pesquisa do Conselho Europeu de Lisboa divulgada em 2008. Mais infraestrutura e um currículo atrativo é o que motiva os jovens brasileiros a percorrer o mundo. “Estudar no exterior garante um certo status, os jovens sabem que ao voltarem podem ter uma vantagem a outros candidatos”, explica o consultor de RH da Business Partners Consulting Carlos Contar.

Essa vantagem citada por Carlos não deve ser parâmetro para todos. Em alguns casos, a experiência não assegura a vaga de emprego. “Tudo depende do profissional. O curso no exterior vai chamar a atenção, mas ele tem que se garantir por outras coisas também”, explica Carlos.

Uma opção para quem deseja estudar fora são os cursos informais, como os de verão. Eles são de menor duração e garantem boa formação sem um alto investimento. Enquanto uma graduação custa US\$ 20 mil por ano, um curso de verão sai por US\$ 3 mil - a temporada. “Sempre quis estudar fora, mas achava caro. Em julho do ano passado, consegui uma boa oportunidade, um curso de história da arte em Londres que complementaria minha formação”, diz Glauber Coradesqui, formado em arte cênicas e diretor de projetos da Faculdade Dulcina de Moraes.

Outra alternativa para quem deseja estudar fora é o Master of Business Administration (MBA). No Brasil, o curso é reconhecido como especialização, mas em alguns países, como os Estados Unidos, ele tem status de mestrado. “O MBA é a internacionalização do seu currículo. Ele proporciona conhecimento para trabalhar com equipes multiculturais em qualquer lugar do globo. Com a internacionalização da economia, isso é um pré requisito valioso”, afirma Marcelo Ambrozio Ramos, consultor da MBA House.

Estudar fora é a ambição de alguns e a necessidade de outros. Messias Andrade, 32 anos, médico, tentou ingressar em uma universidade brasileira e essa foi a única opção. “Estava cansado de prestar vestibular e não passar. Até que decidi sair. Pois a medicina cubana é referência mundial”, diz ele, que se formou na Escuela Latino Americana de Medicina (ELAM), em Cuba.

Ao optar pela temporada no exterior, o estudante deve estar consciente das dificuldades. O investimento é alto e, quando a escolha é pela graduação, deve-se lembrar que serão anos vivendo em outro país. “A

saudade da família e a adaptação a uma nova cultura são fatores complicados de lidar. Se tornar um adulto sozinho também não é fácil”, completa Messias.

São esses fatores que devem ser levados em conta. Carlos Contar afirma que fazer uma graduação fora não é a melhor opção. “O estudante passa anos fora e quando volta ao Brasil as tendências são outras. Por isso, os cursos de verão são mais atrativos. Garantem boa formação sem problemas futuros, como a validação de diplomas por exemplo.”, afirma.

Revalidação de diplomas

Além das dificuldades encontradas no país em que vão estudar, os estudantes também devem estar preparados para as dificuldades que irão encontrar ao retornar. Em cursos de graduação e pós-graduação, tanto mestrados como doutorados, o aluno tem que passar por um processo de revalidação de diplomas imposto pelo Ministério da Educação (MEC). De acordo com a Resolução CNE/CES nº 01, de 28 de janeiro de 2002, as universidades públicas brasileiras que ministrem curso de graduação reconhecido na mesma área de conhecimento em que o estudante se formou no exterior são responsáveis pela validação dos diplomas.

A grade curricular apresentada pelo candidato deve ser compatível com a da universidade

escolhida. Para esse processo, é eleita uma comissão que avalia a similaridade dos conteúdos. Caso haja dúvida na equivalência, o aluno deverá fazer provas ou até estudos complementares para que o seu diploma tenha validade no Brasil.

O calendário para revalidação varia de acordo com o calendário letivo das universidades brasileiras. Messias se formou em setembro de 2010, voltou para Brasil e ainda está tentando revalidar o diploma. “Fiz algumas inscrições, mas até agora não realizei prova.”, diz ele. O processo pode atrasar a entrada no mercado de trabalho e fazer o recém-formado perder chances de emprego. Já para Glauber as oportunidades foram outras. “Não precisei validar meu certificado e o curso no exterior só contou pontos no meu currículo.” conta ele.

Por Sylvia Dimittria



Fonte: MBA House

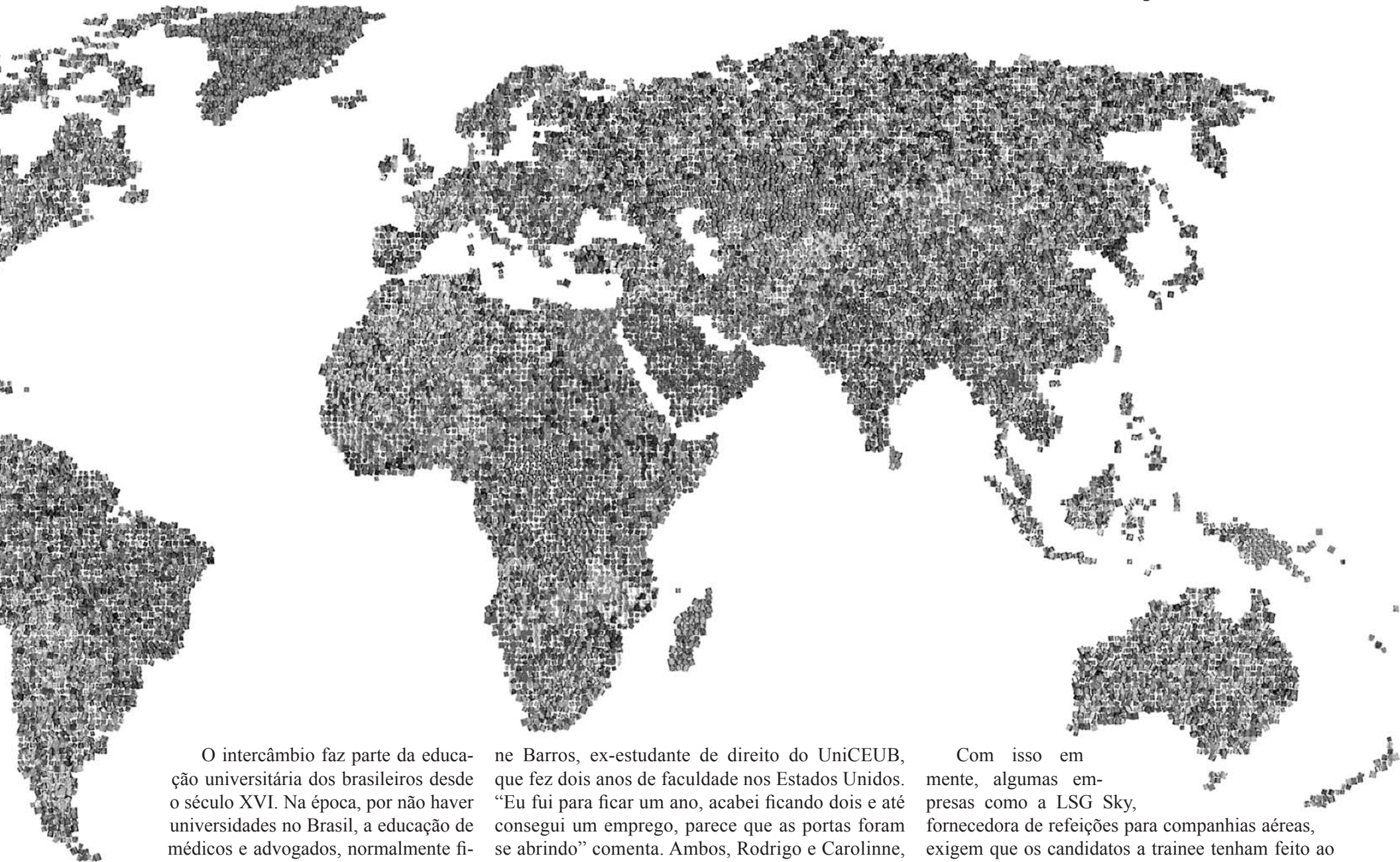
MBA nacional	X	MBA internacional
Para o ingresso , não é necessária a aplicação de nenhum tipo de teste de proficiência em inglês ou testes de conhecimentos gerais e habilidades em administração de negócios ou características de liderança		Vantagem: é reconhecido em todo o mundo
É focado para mercado interno. O aluno não terá esse curso reconhecido em empresas de fora		Forma GENERAL MANAGERS – administradores aptos a atuar com os mais diversos sistemas dentro das mais diversas áreas, e com as mesmas excelentes habilidades
Os cursos não pedem carga horária full time.		O curso no exterior obriga o profissional a interagir com culturas diferentes, modos de pensar e solucionar problemas de outros profissionais estrangeiros
Para quem almeja média gerência, é o suficiente.		A taxa de posicionamento de executivos em cargo com excelentes salários é cerca de 94%
Empresas podem bancar MBA no Brasil para motivar funcionários e dar plano de carreira.		São 100% financiáveis pelas próprias instituições ou por bancos estrangeiros



Educação rotatória

Estudantes revelam como o intercâmbio universitário influenciou o ingresso no mercado de trabalho

Imagem: cristinacce.net



O intercâmbio faz parte da educação universitária dos brasileiros desde o século XVI. Na época, por não haver universidades no Brasil, a educação de médicos e advogados, normalmente filhos de aristocratas, era feita na Universidade de Coimbra, em Portugal. Os rapazes saíam do país aos 18 anos e voltavam quando formados.

Hoje, o intercâmbio universitário não é mais feito por necessidade, mas, segundo Aline Leonel, gerente geral da Central de Intercâmbio de Brasília (CI), pode ser um ótimo caminho para se diferenciar no mercado de trabalho. “As empresas estão cada vez mais buscando profissionais com uma experiência diversificada” diz.

Além de aprender uma língua diferente, jovens intercambistas como o aluno de ciências sociais da UnB Rodrigo Matilli, que estudou um semestre na França, revelam que tiveram que aprender a se virar e fazer novas amizades. “Eu tive um tipo de independência e responsabilidade que não teria em casa”.

O sistema funciona assim: o aluno escolhe um país e uma instituição, normalmente com a ajuda de uma agência, e participa de um processo seletivo que depende da instituição escolhida. Há vários tipos de intercâmbio para alunos de universidade, entre eles o curso de idiomas, onde o estudante vai para outro país para aprender a língua e o intercâmbio de estágio. Outro tipo é o de graduação, onde o estudante vai para estudar em uma universidade por parte ou, até, o curso inteiro.

Assim foi o intercâmbio da estudante Carolin-

ne Barros, ex-estudante de direito do UniCEUB, que fez dois anos de faculdade nos Estados Unidos. “Eu fui para ficar um ano, acabei ficando dois e até consegui um emprego, parece que as portas foram se abrindo” comenta. Ambos, Rodrigo e Carolinne, admitem que foi uma experiência difícil, mas recompensadora. “A viagem mudou a minha noção de mundo” diz Rodrigo.

O preço não é sempre uma dificuldade. Carolinne explica que ganhou uma bolsa de esportes para estudar nos Estados Unidos. “Eu era parte do time de vôlei, participei do processo seletivo e ganhei bolsa, não foi difícil”.

Segundo Rodrigo, o intercâmbio o fez perceber que estava no curso errado. “Saí do curso de engenharia e fui para ciências sociais, quando se foge da rotina a gente vê com outros olhos o que realmente quer”. O estudante, que já está empregado em uma ONG, planeja o seu próximo intercâmbio.

A associação civil sem fins lucrativos Rotary Club promove intercâmbios entre 82 países. A diferença entre o intercâmbio do Rotary e o de outras agências é que o estudante vai para o outro país e fica na casa de uma família. Assim, abre o espaço em sua própria casa para receber um estudante de outro país, eis o motivo do nome Rotary, que em inglês significa rotatório. Segundo a associação, o aluno que participa de um intercâmbio está mais preparado para o mundo e para o mercado de trabalho pois conviverá com os problemas e as soluções nas comunidades de um país diferente do seu, “exercitando a boa-vontade e o entendimento entre as nações”.

Com isso em mente, algumas empresas como a LSG Sky, fornecedora de refeições para companhias aéreas, exigem que os candidatos a trainee tenham feito ao menos um intercâmbio. Segundo Aline Leonel, as empresas procuram isso porque o jovem que passa por uma experiência internacional adquire competências quase sem perceber. “É necessário jogo de cintura para fazer amigos de outra nacionalidade”.

De olho nessa tendência, os jovens brasileiros procuram essa experiência cada vez mais. Segundo dados levantados pela Associação Brasileira de Viagens Educacionais e Línguas (Belta), o número de brasileiros intercambistas dobrou do ano 2006 até 2010 para cerca de 160 mil pessoas. As exigências para o intercâmbio universitário são que o aluno tenha proficiência no inglês e mais de 18 anos. Algumas universidades podem, também, exigir boas notas no histórico escolar.

De acordo com Aline, os programas de universidade no exterior são perfeitos para quem gosta de aprender e procura adquirir uma bagagem cultural. “Em curto período é possível adquirir mais fluência no idioma, vivência de novas culturas e o mais importante, colocar no currículo do estudante o diferencial que faltava para abrir portas e novas oportunidades”.

Por Marina Brunale





Resposta na ponta do lápis

Medidas simples podem ajudar na decisão da carreira

A escolha da profissão é um assunto que sufoca os estudantes de ensino médio e cursinhos. Todos têm uma rotina corrida com cerca de dez matérias para estudar para o vestibular. Tanto estudo que esquecem de separar um tempo para definir a carreira. As escolas também deixam a desejar por não auxiliarem os alunos neste ponto. Não há suporte no quesito profissão. O ideal seria que cada colégio tivesse dinâmicas que trabalhassem a questão.

Todos alunos já entram no terceiro ano do ensino médio sabendo que será diferente e com muita pressão. Tanto familiar como escolar. Afinal, esse ano não será como os outros, onde a preocupação gira em torno de passar nas provas ou recuperação para seguir para a próxima série. Existe uma seleção que repercutirá no resto da vida. Um labirinto onde muitos não sabem o caminho da chegada.

Alguns seguem a profissão dos pais, outros se arriscam nos sonhos. Otávio de Abreu Leite, psicólogo clínico, que atende terapia e orientação profissional, conta que recebe mensalmente estudantes em sua clínica para o teste vocacional.

Essa ferramenta ainda não caiu no gosto popular, mas deveria. Ela evita escolhas erradas e tempo perdido. Muitos sonhos não condizem com a realidade. Não é porque uma pessoa gosta de moda que ela terá talento para se tornar um designer. Há uma série de fatores em jogo. Se ela sabe desenhar e costurar, se tem criatividade e inúmeras outras características. Não que a mesma não possa iniciar uma carreira no ramo. Mas talvez ela se saia melhor em uma outra perspectiva. Como, por exemplo, no campo dos negócios, abrindo uma loja ou na área da comunicação, escrevendo para uma revista ou blog.

É importante ressaltar que o teste vocacional não define a carreira a ser seguida. Ele traça um estudo, baseado em fatos, com probabilidade de empregos em que a pessoa será bem aceita. O teste tem etapas como entrevista com o paciente para analisar seu perfil. Contando a histórica de vida, desempenho escolar e experiências. A familiarização com o mercado também é essencial, mostra as opções de profissões e as ofertas. E, por último o teste, que serve como funil para analisar o campo cognitivo e emocional. Trazendo assim o potencial do avaliado.

O psicólogo ainda relata um caso inesquecível em seu consultório. Um paciente estava estabilizado profissionalmente na área de informática e chegou no consultório para fazer terapia, pois detestava a área escolhida. Era tamanho o conflito interno entre largar tudo e seguir uma paixão que o cliente resolveu ir aos poucos. Primeiro, passou no vestibular para zootecnia, cursou e conseguiu um bom emprego. Foi quando resolveu ser feliz e conseguiu uma posição melhor que a antiga.

Foto: Marina Macêdo



Fernanda Araújo, estudante de direito, sonha ser empresária de moda

Leonardo Santiago, 18 anos, é calouro em economia na Universidade de Brasília e veio de Salvador para estudar na capital. E conta que a escola onde estudou em sua terra natal o ajudou, pois lá eles fazem uma semana das profissões, com várias palestras esclarecendo as carreiras e ofertas. “Essa oportunidade me ajudou a definir entre direito e economia”.

Já Fernanda Araújo, 20 anos, estudante de direito do UniCEUB, escolheu o seu curso seguindo o conselho do pai. Porém, o seu sonho é abrir uma loja no ramo de moda. “Eu me interesso cada vez mais pelo curso. Mas não me vejo atuando na área, e acho que o aprendizado adquirido me ajudará a entender os meus direitos pra quando eu abrir o meu empreendimento”.

Elisa Dall’Orto, 18 anos, diz ter certeza da escolha que fez e sonha em ser professora de universidade.

Escolheu filosofia pela paixão pela cultura e também por dar uma base forte na literatura e arte. O futuro foi escolhido rapidamente, quando estava fazendo a matrícula para o vestibular e desmarcou Ciências Sociais por Filosofia.

O tiro foi certo. A veterana está amando o curso e aborda que logo nos primeiros meses de ingresso a universidade sentiu o impacto. “Lá é cada um por si, o professor fala onde está o livro ou matéria e você que se vire. Bem diferente do colégio, mas já me adaptei”. Quando o assunto mudança de curso foi tocado, a estudante disse que não pretende fazer transferência, mas que, se fosse o caso, faria sem menor peso na consciência. Afinal, entrou na vida academia muito nova.

Por Marina Macêdo



Preparando profissionais

Como a influência dos pais, da escola, das atividades extracurriculares e do ambiente social podem interferir na hora de escolher “o que ser quando crescer”

Ilustração: Marina Brunale

O momento da escolha da profissão é uma das etapas mais angustiantes na vida. A ideia de optar por um curso ou outro pode deixar até os mais decididos confusos. O medo é justificável ao considerar que os jovens, com pouca experiência e pouca idade tem de decidir pelo trabalho que farão todos os dias pelos próximos anos de sua vida. Como escolher com certeza definitivamente por algo quando se está em uma fase de conflitos e mudanças como a adolescência?

Alguns decidem desde criança o que querem ser, outros descobrem aptidões ao longo da vida. Alguns se decidem por testes vocacionais ou fazem o curso que os pais desejam. O fato é que a escolha não é fácil e se engana quem pensa que esta decisão é baseada apenas na preferência momentânea do adolescente. A escolha profissional reflete características e aspectos adquiridos durante toda a vida. Desde o maternal até o último ano do ensino médio, uma vez que a educação e a formação infantil interferem diretamente no desenvolvimento da cidadania e nos estudos acadêmicos.

A psicóloga Renata Ito, da Associação Brasileira de Psicodrama, explica que desde muito novas, as crianças recebem diversas influências que mais tarde podem refletir na escolha profissional. Entre os mais preponderantes sobre a opção estão: os pais, a família de um modo geral, os amigos e o ambiente social e cultural em que o indivíduo é submetido.

“A preferência por uma profissão depende do ambiente, da faixa etária e da condição econômica. As crianças de classe mais baixa costumam sonhar em ser jogador de futebol, por exemplo”. A psicóloga ressaltava outras profissões lembradas por garotos desta classe social. “Certa vez, fiz um trabalho em uma favela de São Paulo e vi que as crianças ou queriam ser do Bope (Batalhão de Operações Especiais) ou queriam ser bandidos. Então percebi que estas referências dependem muito do ambiente onde a criança cresce”, comenta.

Renata reforça a importância de atividades extracurriculares para um desenvolvimento físico e cognitivo da criança, que ajuda a desenvolver suas habilidades e estimula a busca pelo conhecimento em diversas áreas. Esta prática pode ampliar os horizontes da criança e ajudá-la a ter mais clareza sobre sua escolha profissional no futuro. “As atividades, desde que não sejam exageradas, ajudam dando mais opções para a criança. De repente se o adolescente está inclinado a fazer determinado curso e já passou por alguma experiência parecida, teve aulinhas quando criança, ele pode ter sucesso naquilo. Ou a criança pode até mesmo descobrir uma habilidade nunca antes explorada por meio destas atividades”, afirma.

A influência dos pais é outro fator determinante na formação e educação dos filhos. Renata diz que a participação dos familiares nesta fase é essencial: “Os pais são o primeiro modelo que a criança tem. Elas vão aprender seus próprios papéis a partir da matriz que são os pais e quem está junto a ela”. Algumas crianças refletem muito esta interferência e acabam escolhendo a mesma profissão dos pais “A

criança começa a brincar de ser como o pai ou a mãe e acaba gostando” completa Renata.

É o caso do estudante de medicina Victor Nascimento, 24 anos, que cresceu em uma família de médicos. “Meu pai, minha mãe e meu tio são médicos. É com isso que convivo desde pequeno. E então, eu nunca me vi fazendo outra coisa, a referência sempre foi essa. Meus pais se preocuparam em me alertar que existiam outras profissões possíveis e nunca exerceram nenhuma pressão pra eu me tornar médico, a decisão foi minha e eles me apoiaram” afirma Victor. O estudante ainda diz que a irmã mais nova, Michele de 16 anos, também irá seguir a profissão da família “Todos nós pensávamos que ela seria a única a seguir outro caminho, pois sempre dizia que médico trabalhava muito e não tinha tempo para nada, mas ela acabou entendendo a profissão e se apaixonando também. Nós ficamos felizes quando ela decidiu prestar vestibular para medicina.”, completa. Victor se diz orgulhoso por ter escolhido a mesma profissão dos pais e espera também orgulhar os pais e o nome da família com a decisão.

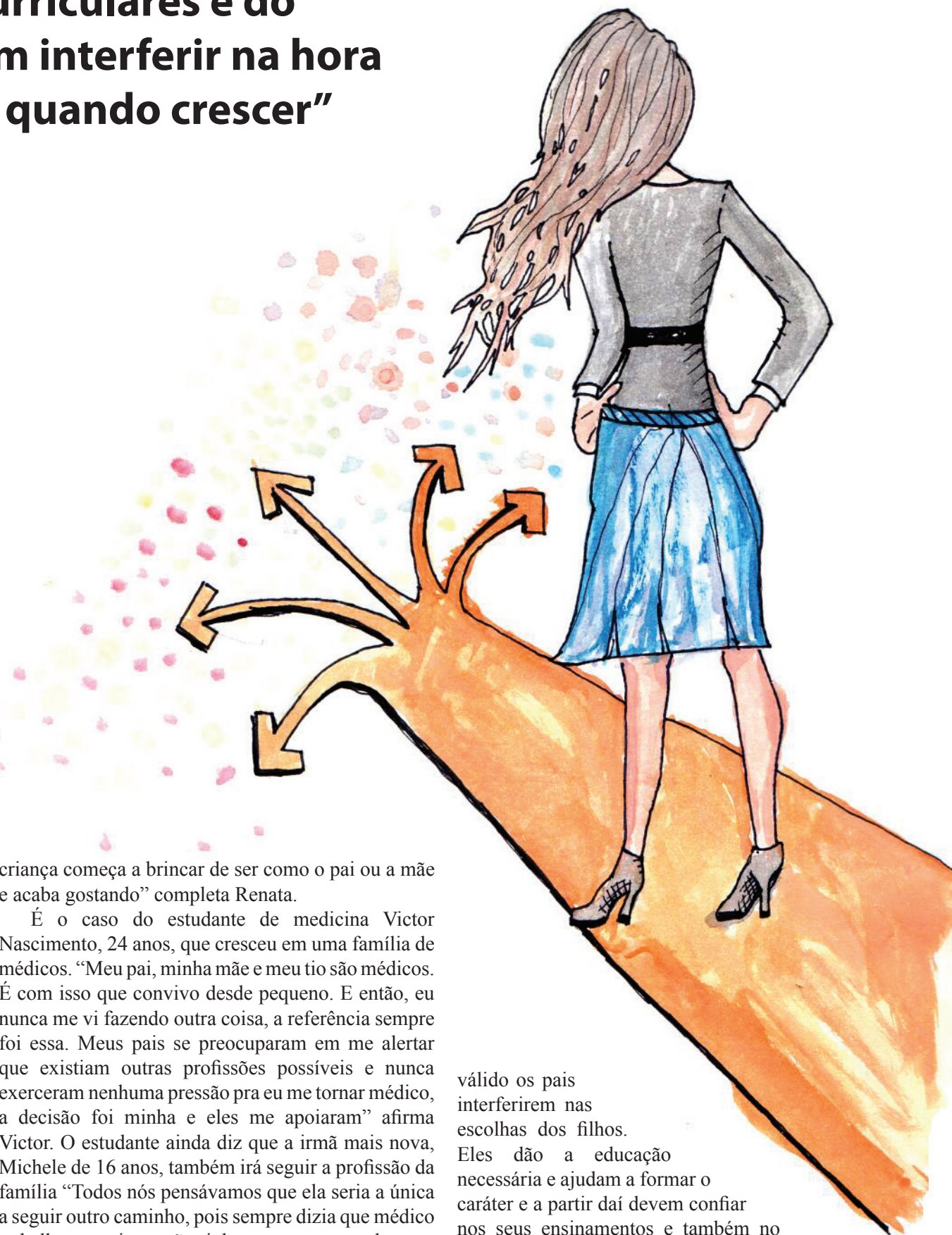
A influência dos pais também pode aparecer na escolha profissional de maneira oposta. Foi o que aconteceu na família do estudante de engenharia mecânica Ricardo Hosannah, 21 anos. Ele conta que o fato pais serem engenheiros civis acabou o afastando um pouco deste segmento da engenharia. “Nunca tive muito interesse nesta área porque não gostaria de ser comparado, nem de seguir os passos de ninguém. Gosto de criar meu próprio caminho”.

O estudante conta sempre ter recebido apoio dos pais em sua decisão, e alerta para a questão do “excesso” de influência a qual um jovem pode ser submetido durante a escolha profissional. “Não acho

válido os pais interferirem nas escolhas dos filhos. Eles dão a educação necessária e ajudam a formar o caráter e a partir daí devem confiar nos seus ensinamentos e também no próprio filho para que ele siga seu caminho e esperar que ele tome as melhores decisões. A pessoa tem que fazer o que gosta, afinal vai trabalhar com isso todos os dias”, comenta Ricardo.

A psicóloga Renata Ito também chama atenção para o poder que os pais tem sobre as crianças, afinal cabe a eles a tarefa de preparar e educar os filhos para que estes possam tomar suas próprias decisões. Renata indica a melhor forma para preparar os pequenos: “Os pais sempre querem o melhor para os filhos, mas é importante saber respeitar a vontade da criança e direcioná-las da maneira correta. A criança deve ter espaço para poder experimentar as coisas, gostar, desistir e ter uma certa liberdade” ressaltava a profissional.

Conheça e entenda as mais famosas linhas pedagógicas ensinadas nas escolas





Tradicional

Ganhou o mundo no século 18 com um objetivo importante: universalizar o acesso ao conhecimento. Essas escolas privilegiam a transmissão do conteúdo, pelas "mãos" do professor, mesmo que já incluam meios como computadores. Nesse modelo, se observa rigidez em relação à disciplina, forma utilizada para conseguir passar conteúdo idêntico a diferentes tipos de criança. Há grande preocupação com o vestibular.

Construtivista

Nesta linha pedagógica desenvolvida pelo filósofo Jean Piaget, a teoria de aprendizagem não é um método, mas uma concepção de ensino. Propõe que todo aluno seja capaz de construir seu conhecimento. Leva em conta, assim, o conhecimento que a criança traz consigo. Uma das alunas de Piaget, Emilia Ferrero, ampliou a teoria para o campo da leitura e da escrita e defende o conceito de que a criança consegue

se alfabetizar sozinha desde que esteja num ambiente com letras e textos. O professor, aí, tem o papel de mediador. É como se fosse o "tradutor" para o saber ansiado pela criança.

Montessoriana

Método desenvolvido pela italiana Maria Montessori, no início do século 20. Neste modelo, as crianças são identificadas pelas características e possibilidades. Assim, no processo de aprendizagem, cabe ao educador remover obstáculos ou propor atividades motoras ou sensoriais pela arte, música e ciência. Segundo a teoria, a criança deve, ainda, ser incentivada a desenvolver um senso de responsabilidade pelo aprendizado.

Pedagogia Waldorf

Surgiu em 1919, com o filósofo alemão Rudolf Steiner. A base principal do método está nas atividades motoras da criança, sempre preferindo o uso

de pedaços de madeira que se transformem em brinquedos aos industrializados. Os alunos são divididos em grupos e permanecem juntos por sete anos, sendo seguidos nesse ciclo pelo mesmo professor, chamado de "tutor". Neste método as crianças não são alfabetizadas antes dos 7 anos. Essas escolas esperam dos pais uma sintonia completa com a filosofia da escola.

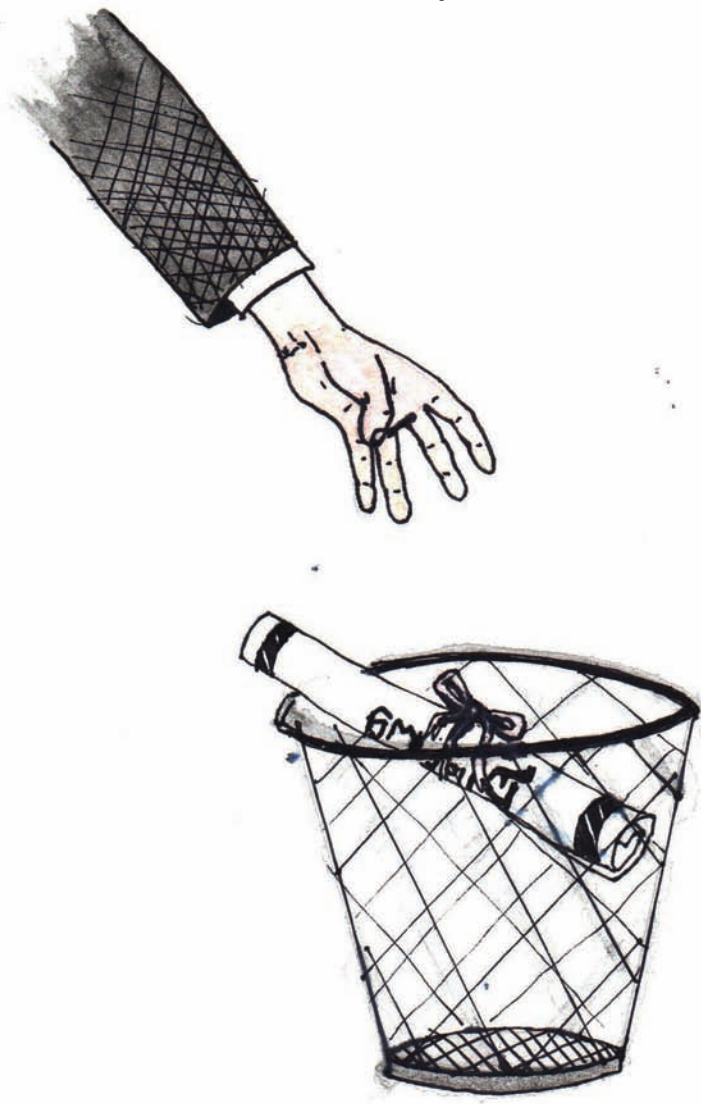
Democrática

Este método também apareceu nos anos 20. O termo vem em oposição ao "compulsório": as crianças têm os conteúdos importantes para sua formação, mas sem obrigação de carga horária por aula. A idéia fundamental é a liberdade de escolha dos alunos. Matemática, por exemplo, pode ser aprendida ao entender o funcionamento de montagem de uma bicicleta, com "lições" sugeridas por alunos.

Por Ana Clara Sousa



Ilustração: Marina Brunale



Quando chega o momento de fazer a inscrição para um vestibular e marcar a opção de qual curso será prestado, é inevitável que dúvidas e um certo receio surjam na cabeça do candidato à vaga. Escolher a carreira que será seguida até a aposentadoria é uma tarefa complicadíssima, ainda mais para estudantes com menos de 18 anos. Mas a escolha de um determinado curso não significa que aquela área deverá ser seguida por toda a vida.

É comum pessoas se formar em uma área específica e partirem para outra profissão, motivadas por uma série de diferentes fatores. Uma nova aptidão descoberta, uma oportunidade de estágio que leva a outra profissão ou até o descontentamento com a área atual podem causar o abandono da área de formação acadêmica.

É o caso de Juliana Albuquerque. Formada em jornalismo, ela abriu mão da carreira de jornalista montar um negócio próprio e ter mais liberdade. Abriu uma loja de roupas infantis e atua em várias áreas graças à empresa. “Agora trabalho com administração, marketing, finanças. Quando se é o dono você tem que trabalhar com tudo. É muito mais

trabalhoso do que trabalhar com jornalismo, mas com certeza é mais prazeroso”.

Mara Abreu, também formada em jornalismo, trabalhou cinco anos na área, até surgir uma oportunidade de emprego ligado à publicidade. Trabalhando no jornal Vale Paraibano, em São José dos Campos, Mara entrou em contato com o dia a dia da profissão. “Fique apaixonada pela publicidade. Percebi a grande diferença entre o jornalismo e o mundo publicitário. Percebi também que tinha uma alma publicitária e que poderia ser mais feliz! O jornalismo era muito frustrante”.

Hoje Mara trabalha com atendimento da agência Prime RS Publicidade e afirma que a falta de um diploma na área não fez diferença para ela. “Para ser um bom publicitário, é preciso ser criativo, culto, arrojado e também responsável. Qualidades que não são fornecidas por um diploma. A carência acadêmica foi superada pelo estudo constante do mercado, das áreas de atuação dos clientes que tive e, principalmente, da ajuda dos meus colegas de trabalho”.

Cristiana Bauer é diretora administrativa e financeira na mesma agência em que Mara. Formada em letras, Cristiana trabalhou como professora de inglês por 14 anos e foi diretora da escola em que lecionava. Nessa função foi onde descobriu a aptidão para trabalhar administração e finanças. Em 1999, foi contratada para atuar na coordenação e produção da

agência Artplan Prime. Após isso, manteve-se nas áreas administrativas.

Cristiana também acredita que uma graduação na área não lhe fez falta, mas afirma: “Procurei me atualizar nas novas áreas em que trabalhei, fazendo diversos cursos. Com certeza, uma especialização que fiz em Gestão Global e Marketing me ajudou nos diversos departamentos em que trabalhei em agências de publicidade, e também um curso na FGV foi muito importante para minha atual função”.

O fato é que não é a pessoa que escolhe uma profissão, e sim a profissão que escolhe a pessoa. Ser bom em matemática não significa que uma pessoa se tornará um engenheiro ou economista, mas gostar de trabalhar com números poderá influenciá-la a escolher algo na área de exatas. Mas também não se trata de uma questão de se fazer o que gosta, e sim fazer aquilo que se é bom. Gostar de falar em público não necessariamente levará alguém a ser ator, mas será de grande ajuda se decidir seguir como advogado ou jornalista.

E, se na hora de escolher um curso, a opção marcada não corresponder com aquilo que gostaria de seguir por anos e anos, isso não será o fim do mundo. Chegará o momento em que novas oportunidades surgirão e em que a área de atuação que mais se encaixa com a personalidade e qualidades do indivíduo surgirá e o divórcio com a área estudada será inevitável.

Por João Victor Moretti





Sonho ou estabilidade?

Quando a comodidade é mais importante e os desejos ficam em segundo plano

Saber escolher a carreira é o primeiro passo para ser um profissional bem sucedido. Não apenas pelo dinheiro, mas por gostar do que faz. O problema é que nem todos os profissionais são felizes com as carreiras escolhidas ou impostas pela família, mas continuam por comodidade e pelo salário no final do mês.

Desde pequenos, escuta-se a mesma pergunta: “O que você vai ser quando crescer”? Se as crianças soubessem o peso real que essa pergunta tem, talvez pensassem mais antes de responder. Vera Guimarães, 27 anos, professora de Educação Física é um exemplo disso. Quando criança ouvia sua mãe dizer que queria que ela fizesse faculdade de Educação Física. “Minha mãe foi uma forte influência para que eu decidisse me formar nessa área. Eu dizia que queria fazer outro curso, talvez Direito, mas para prestar concurso público. Ela retrucava, falando que vida de servidor público era ruim e que ela queria que eu trabalhasse cuidando do corpo”, afirma Vera.

A professora conta que continua trabalhando na área por comodidade e que o sonho continua o mesmo: quer ser servidora pública. “Atualmente utilizo parte do meu salário como professora de Educação Física para investir nos meus estudos voltados para concurso público”, explica. Vera acredita que a família interfere nas decisões, mas garante que isso não acontecerá com a filha. “Eu sempre falo para a minha filha pensar bem antes de escolher o que fazer. Conto o meu exemplo e falo que não quero que ela passe pelo mesmo. Quero que minha filha seja muito feliz na profissão que escolher por conta própria. Eu acredito que a felicidade não está somente no salário no final do mês, mas sim no prazer de trabalhar. Tudo o que fazemos com prazer sai mais bem feito”, desabafa.

A família e os amigos são grandes influenciadores, mas existem casos em que a pessoa escolhe a profissão, se forma e quando vai trabalhar na área não é do jeito que imaginava. Foi o que aconteceu com Conrado Brites, 25 anos, formado em Odontologia. “Escolhi minha profissão praticamente sozinho. Inicialmente

Foto: Arquivo pessoal



Conrado Brites, dentista que deseja ser médico

eu queria realizar vestibular para medicina, mas rapidamente percebi que a vida de um médico não se enquadrava no meu perfil. Diante disto, pensei em uma segunda opção que me atraísse na área de saúde, e logo me veio a odontologia em mente, onde acreditei que seria uma profissão capaz de conciliar um caráter autônomo no exercício da profissão junto com um retorno financeiro planejado”, afirma. O dentista conta que se decepcionou com o que encontrou pela frente quando começou a trabalhar em sua área.

“Eu acredito que a felicidade não está somente no salário no final do mês, mas sim no prazer de trabalhar”

Vera Guimarães, professora de educação física

“Atualmente posso dizer que não sou feliz no exercício técnico da minha profissão, pois no meu dia a dia, 95% do que eu executo como procedimentos específicos da profissão, não consistem na minha especialidade, que é a implantodontia. Se daqui a cinco anos ou mais eu não tiver uma alavancada profissional e financeira, pretendo fazer medicina mesmo”, conta. Conrado acredita que por possuir negócio próprio (uma clínica odontológica), a comodidade e estabilidade influem muito no exercício da profissão escolhida. “A comodidade de ser o patrão é enorme. A estabilidade salarial também me segura, pois meu salário não costuma oscilar. A esperança na verdade seria a de um dia me tornar empresário do ramo odontológico, exercer tecnicamente

somente a minha especialidade e contratar dentistas para executarem as outras especialidades”.

A psicóloga Suyane Vasconcelos afirma que o trabalho, para dar bons frutos, tem que ser acima de tudo prazeroso. “Acredito que como quase todos os aspectos na nossa vida, ser profissional exige paixão. Paixão suficiente, para acordar com horário marcado, seguir para o trabalho, lidar com pessoas, geralmente, opostas à nossa personalidade e modo de vida e ainda assim ser feliz, manter o bom humor e, de fato, ser profissional. Quando nada disso acontece, deixamos de ser profissionais da área que escolhemos e passamos a ser robôs em linha de produção, afetando nossos relacionamentos interpessoais, o trabalho em equipe, e assim desencadeando uma série de problemas dentro da organização e trazendo, de alguma forma, algum tipo de prejuízo para a mesma”.

O problema vai além de um mau desempenho no trabalho e pode acarretar problemas de saúde. “Fazer o que não gosta é frustrante, é como ser obrigado a carregar um caminhão nas costas todos os dias durante anos e não ter como se livrar daquele peso. Muitas vezes com altos níveis de estresses, maior probabilidade de vir a ser um paciente depressivo, com problemas familiares, dependendo da forma como ele lidar com essa infelicidade profissional”, explica Suyane.

É preciso que o estudante crie uma relação de afeto com a profissão almejada, pois é um dom restrito a poucos aprender a gostar do que se faz. “Vamos fazer hoje o que devemos fazer, para fazermos amanhã o que queremos fazer”, afirma Conrado Brites. A ordem direta – gostar e escolher- é a mais indicada para não se arrepender no futuro, além de pesquisar o que realmente a profissão escolhida pode oferecer.

Por Paola Rodrigues



Foto: arquivo pessoal



Vera Guimarães



Cresce a procura por concurso público

Salários altos, valorização da carreira profissional e a tão sonhada estabilidade estes, são alguns dos motivos pela preferência

Mais de 6 milhões de candidatos se inscreveram em 2010 para concursos públicos, segundo pesquisa do cursinho preparatório, Grancursos. Um levantamento feito pelo IBGE reforça que, neste ano, 10 milhões de brasileiros já estão estudando para prestar algum concurso público nos próximos anos. A pesquisa leva em consideração aqueles estudantes que estudam por conta própria, sem vínculo com instituições especializadas no assunto.

A promessa de altos salários, valorização da carreira e estabilidade profissional, são os atrativos do serviço público.

Para este ano serão oferecidas 328 mil vagas em seleções municipais, estaduais, distritais e federais, em todos os poderes: legislativo, judiciário e executivo. O que fez aumentar o número de instituições especializadas para preparar este tipo de estudante.

As principais empresas organizadoras de concursos, por exemplo, movimentaram sozinhas quase R\$ 120 milhões em 2007. Organizaram quase 200 concursos, com mais de dois milhões de inscritos. Segundo a Associação Nacional de Apoio e Proteção aos Concursos (Anpac), no ano de 2005 havia 40 empresas. Hoje já são mais de 100.

A Grancursos conta com mais de 20 mil alunos e a expectativa é de que esse número seja ainda maior, pois o levantamento considerou 28 seleções das cinco principais organizadoras de concursos do país, como o Cespe, Fundação Universa, Cesgranrio, Esaf e Fundação Carlos Chagas.

Entre os órgãos públicos mais procurados estão: Petrobrás, Ministério do Turismo, Banco Central, IBGE, Fiocruz, MPU, Abin, entre outros.

Jovens estudantes muitas vezes concluem o ensino médio e adiam o vestibular para se dedicar aos estudos em escolas preparatórias para concurso público. Eles se preparam para concursos públicos e deixam em segundo plano o sonho universitário. Tal comportamento pode ser entendido como resultado de uma visão prática, uma estratégia que tem como objetivo inserção no mercado profissional. Este é o caso de Helena Lima, jovem de 21 anos de Brasília que adiou o ingresso em uma faculdade de ensino superior para se tornar concursada de nível médio

e investir na carreira de advogada após aprovação para um cargo público.

Tiago Alencar, de 31 anos, é graduado em Educação Física pela UnB e pós graduado em Gestão Empresarial. Há 10 anos atua na área trabalhando como professor e agora, concilia o trabalho com os estudos para concorrer a uma vaga no Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão.

A carreira no setor privado será abandonada temporariamente, pois pretende ocupar o cargo de gestor no Ministério com o objetivo de aumentar a sua renda para que possa, com o capital, investir em um negócio próprio. “Tenho que buscar aquilo que o mercado oferece mais facilmente. Então, aqui no mercado de Brasília, seriam os cargos públicos, que oferecem melhor remuneração” – afirma ele.

Considerando ainda dados da mesma pesquisa feita pela Grancursos, uma das instituições mais procuradas de Brasília, o número de matriculados já passa dos 20 mil alunos.

Ana Luiza Martins, paulista de 27 anos, é formada em Economia e mudou-se recentemente para a cidade de Brasília com o marido, optou em sair da empresa em que trabalhava para dedicar-se aos estudos e fazer carreira na área financeira do Banco Central.

“Com a minha transferência na empresa de São paulo para a de Brasília, me colocaram num cargo inferior ao que ocupava anteriormente. Não me adaptei, por isso negocie a demissão e estou estudando para ser aprovada no Banco Central”, afirma ela.

Para a economista, a tendência é que o número de candidatos para as vagas públicas em Brasília aumente com o passar dos anos, pois considera que muitas pessoas se encontram insatisfeitas com os salários e o reconhecimento profissional que na maioria das vezes não é valorizado. Acredita que o número de procura por concursos e o número de escolas preparatórias para concurso tendem a aumentar exacerbadamente.

Por Emília Bizzotto



Fotos: João Vasconcelos





O arrojo dos jovens empreendedores

Cada vez mais cedo jovens recém-formados saem das universidades e abrem suas próprias empresas

Eles são criativos, ousados, dispostos, motivados e querem ser bem-sucedidos. Estas são as características dos estudantes que ao sair das universidades brasileiras preferem abrir o seu próprio negócio a buscar um emprego.

De acordo com pesquisa realizada pelo GEM 2009 (Global Entrepreneurship Monitor), medidor do nível de empreendedorismo no mundo, a quantidade de jovens, entre 18 e 24 anos, que escolhem abrir uma empresa em vez de buscar um cargo no mercado de trabalho depois do ensino superior é crescente. Há oito anos apenas 10% dos empreendedores eram jovens e já são mais de 21%. O Brasil possui cerca de 33 milhões de pessoas desenvolvendo alguma atividade empreendedora: destes, 56% têm entre 18 e 34 anos. No ano passado houve um aumento de 15% nesse número, contra um crescimento de 12% em 2008.

Segundo a analista do Sebrae-DF Elaine Araújo, as universidades brasileiras têm um papel importante na formação desses jovens. “A universidade abre muitas portas e o aluno precisa aliar a teoria que ele vê em sala de aula com a prática. Em boa parte dos cursos, há uma cadeira de empreendedorismo, além de empresa júnior e incubadoras de empresas”, afirma.

Antes mesmo de se formar em Administração pela UnB, Renaud Adorno, 26 anos, criou junto com o pai a FlexDeck, especializada na produção de decks modulares de madeira sobre bases plásticas. “Foi basicamente uma união entre conhecimentos de pai e filho. Juntamos a experiência em madeira e negócios da antiga empresa do meu pai com minhas informações recém-adquiridas em administração e tecnologia”, afirma.

Renaud sempre teve o sonho de se tornar empreendedor e acredita que a faculdade de administração deu o impulso necessário para entender como as coisas deveriam funcionar e como pensar

de forma estratégica. Porém, não deu a base prática do funcionamento de uma empresa. “As simulações são muito teóricas na faculdade. Infelizmente, ainda há muita diferença entre universidade e mundo empresarial”, afirma.

Há apenas três anos no mercado brasileiro, a FlexDeck teve problemas com os altos custos operacionais. Muitos impostos para certas operações e juros altos minaram o capital de giro da empresa. Isso inibiu, de certa forma, o crescimento, muitas vezes gerando situações em que eles pensavam que o negócio não seria viável, pois as vendas não pagavam os custos.

Além do nacional, a empresa está fortemente voltada para o mercado externo. “Entraremos no comércio americano no segundo semestre e temos negociações em andamento para alguns países da Europa, como França, Itália e Malta, e, no Oriente Médio, com os Emirados Árabes e Qatar”, cita Renaud.

Atualmente, a empresa conta com 30 funcionários e Renaud enxerga um futuro promissor para ela. “Temos objetivos de nos tornarmos referência em conforto para ambientes externos e design outdoor, não somente com este produto, mas com móveis e acessórios. Além de participar e promover eventos de design externo ao redor do mundo”.

De acordo com a pesquisa do perfil do jovem empreendedor, 66% deles abrem suas empresas na área de serviços. Outros 22% no setor comercial, 9% na indústria e apenas 3% na construção civil. Elaine destaca que, nos últimos 10 anos, o cenário econômico do país melhorou e o papel do Sebrae para a sociedade acompanhou esse crescimento. “Em todos esses anos, flagramos a diminuição da mortalidade das empresas, o aumento da capacitação dos trabalhadores e um ambiente mais propício a novos negócios”, explica a analista.

Leonardo Antonialli, 31 anos, criou com cinco

ex-colegas de trabalho a SEA Tecnologia, localizada na 110 Norte. Hoje, com oito anos no mercado de tecnologia da informação, apenas três dos cinco sócios continuam e eles já possuem mais de 30 funcionários. “Nós observamos que nossa antiga empresa estava recusando muitos projetos pequenos, pois, para pagar os custos, ela só trabalhava com projetos de mais de um milhão de reais. Vimos nesses menores clientes um nicho de mercado que não estava sendo bem atendido”, afirma.

Formado em Design pela UnB, Leonardo afirma que sempre teve o perfil empreendedor. “A SEA Tecnologia já é o meu terceiro escritório de design. O primeiro foi logo no início da faculdade com um colega. O segundo foi um projeto paralelo, já pensando em criar a empresa que eu tenho hoje”, afirma.

Como professor de graduação da faculdade Fortium e de graduação e pós-graduação do Senac, Leonardo já ajudou diversos alunos a montar escritórios. “Uma das disciplinas que eu faço questão de ministrar é ensinar os alunos como criar um plano de negócios de uma empresa. Acredito que, do que eu vivi na universidade até hoje, elas evoluíram muito no que diz respeito à formação de jovens empreendedores. Quando eu era aluno, tinham professores muito acadêmicos. Eles eram excelentes, porém não tinham uma vivência do mercado de trabalho. Dessa forma, não havia uma troca de experiência entre o aluno e o professor”, explica Leonardo.

Elaine classifica essa geração de novos empreendedores e inovadores como uma renovação do jeito de fazer negócios no país. “Esses jovens plantam a semente de um país inserido no pensamento global do século XXI”.

Por Lucas Braga



Foto: Leonardo Antonialli



Equipe de jovens funcionários da SEA Tecnologia

Ser professor, nem pensar!

Pesquisa revela que a profissão de educando está em baixa com os jovens do país

Em uma propagandas televisivas, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) perguntava: “Qual a profissão responsável pelo desenvolvimento de um país?” Em vários lugares, a resposta é unânime: o professor. Embora o MEC, em sua publicidade, valorize o exercício do magistério, a realidade entre os jovens parece outra. Segundo pesquisa, os cursos de pedagogia e licenciatura estão longe de ser a primeira opção dos vestibulandos, devido a uma série de obstáculos que a profissão de professor enfrenta.

Segundo pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas (FCC), com 1500 alunos em todo o país, apenas 2% pretendem se tornar futuros professores. O quadro ainda se torna mais preocupante quando se sabe que nesse pequeno percentual se incluem os estudantes que tiveram as piores notas em seu histórico escolar. É de se concluir, portanto, que esta é uma forma que os alunos encontram para buscar um diploma sem grandes compromissos com a profissão. No entanto, Heitor de Melo, PhD em Políticas Educacionais, afirma que os números da pesquisa não refletem a realidade de todo o país. Em universidades com poucas opções de cursos, bons alunos acabam escolhendo cursos voltados para a Educação.

Outros fatores que tornam o educador desprestigiado são o baixo salário e o desrespeito ao profissional. Não é muito difícil encontrarmos notícias de professores sendo agredidos em sala de aula, fato que é elencado pela pesquisa como o principal motivo de tanto desinteresse por parte dos jovens. Segundo Ana Flores, especialista em Psicologia Educacional, “são raros os alunos que querem estudar durante quatro anos em uma universidade, para depois, ao entrarem numa sala de aula, serem surpreendidos com socos de um estudante que não gostou de uma pergunta.” O quadro se agrava quando bons professores acabam sendo vítimas de problemas psicológicos, devido à carga de estresse que eles sofrem no exercício de suas funções. “Muitos docentes precisam daquele

Foto: Dayane Evelyn



Ângela Brazz se encaixa no perfil, do INEP, sobre futuros professores.

emprego para sobreviver e acabam indo para a sala de aula, sem a menor capacidade de ensino”, conclui Ana Flores.

O segundo fator de desinteresse dos jovens está relacionado à baixa remuneração. O MEC comparou os salários recebidos pelos professores no período de 2003 a 2008, e o resultado da pesquisa apontou um aumento salarial de quase R\$ 600 em todo o Brasil. No entanto, mesmo com esse aumento constatado pela pesquisa, o salário do professor ainda se encontra abaixo da média nacional. Heitor de Melo faz críticas à pesquisa do MEC: “No Distrito Federal se ganha bem. Já em outros estados o salário é baixíssimo, e esse aumento de quase R\$ 600 passa longe da realidade de muitas cidades brasileiras.” O estudo do MEC também revela que o Distrito Federal é o lugar

que melhor remunera os professores, ao passo que nos estados do nordeste estariam os piores salários. No Distrito Federal, se paga R\$ 3.300, enquanto no estado de Pernambuco o professor recebe R\$ 980, sendo que a média no país fica em torno de R\$ 1500. Em comparação com outras profissões, como a de farmacêutico, por exemplo, a diferença média de salários chega a ser de mil reais a mais.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) desenhou um perfil dos alunos que optam pelo curso de pedagogia em todo o país. De acordo com os estudos realizados, 80% dos estudantes de pedagogia são oriundos de escolas públicas e 92% são mulheres. Os dados também revelam que cerca de 75% desses alunos trabalham enquanto fazem o curso. Um exemplo que ilustra bem esse perfil é o da universitária Ângela Braz, que sempre teve boas notas durante o período em que estudou na escola pública. Mesmo ciente de que poderia optar por outros cursos mais concorridos, Ângela preferiu cursar pedagogia, e explica por quê: “Sempre sonhei em ser professora e sempre fui desencorajada por muita gente. Quando alguém vem criticar minha escolha, digo que todo mundo quer uma educação de qualidade, mas que ninguém se oferece pra isso.”

Por Victor Barbosa



“No Distrito Federal se ganha bem. Já em outros estados o salário é baixíssimo, e esse aumento de quase R\$ 600 passa longe da realidade de muitas cidades brasileiras.”
Heitor de Melo